



ESCREVER PARA COBRIR OS MORTOS: *A MULHER DE PÉS DESCALÇOS*, DE SCHOLASTIQUE MUKASONGA

WRITE TO COVER THE DEADS: *THE BAREFOOT WOMAN*, BY
SCHOLASTIQUE MUKASONGA

Alexandre Henrique Silveira*

* alexandrehs96@gmail.com

Mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Letras: Estudos da Linguagem, na Universidade Federal de Ouro Preto. Graduado em Letras - Licenciatura em Língua Portuguesa pela mesma instituição.

A mulher de pés descalços – La femme aux pieds nus no título original – traduzido e publicado no Brasil em 2017, pela Editora Nós, corresponde a uma das narrativas autobiográficas da escritora ruandesa Scholastique Mukasonga. Nascida no ano de 1956, na província de Gikongoro, Mukasonga testemunharia a escalada de acontecimentos que levariam à morte de quase todos os seus familiares e de outros milhares de tutsis, etnia de Ruanda a qual sofreu com a violência sistemática perpetrada pelos hutus, outro grupo étnico do país, conflito que teve como desfecho macabro o genocídio de 1994.

Mukasonga conseguiu sobreviver à barbárie por ter se exilado no país de fronteira com Ruanda, Burundi, se casando alguns anos depois com um francês e se mudando para a Europa. A maior parte de sua família, incluindo sua mãe, foi brutalmente assassinada pelos hutus ao longo do período de cem dias em que foi executado o extermínio. Devido à enorme quantidade de mortos em Ruanda, os corpos dos familiares de Mukasonga não foram identificados. Restou à autora escrever para lidar com as perdas, a fim de denunciar as atrocidades ocorridas no passado para que não se repitam no presente. Outros dois de seus sete livros, publicados na França a partir do ano de

2006, foram traduzidos no Brasil, também pela Editora Nós: *Nossa Senhora do Nilo* (2017) e *Baratas* (2018).

Cabe ressaltar a afirmação de Leyla Perrone-Moisés (2016), na qual as narrativas testemunhais se configuram como uma das tendências literárias no século XXI, em decorrência das Grandes Guerras Mundiais e dos extermínios em massa que deixaram um rastro de horror e trauma por diversos países do mundo. No caso da autobiografia de Scholastique Mukasonga, para além de construir um testemunho de uma situação extrema vivida pela autora, o que se faz fundamental na escrita de *A mulher de pés descalços* é o ato de cobrir os mortos com palavras como uma homenagem aos seus familiares que foram assassinados em Nyamata. Mais especificamente, a narrativa em questão é também um epitáfio para a mãe de Scholastique Mukasonga, Stefania, personagem central.

Antes de propormos uma discussão sobre a obra em si, é válido destacar alguns eventos históricos que levaram ao genocídio tutsi. Com a independência de Ruanda da colonização belga em 1962, Grégoire Kayibanda foi o primeiro presidente democraticamente eleito e o primeiro hutu a chegar ao poder no país. Como destaca Mahmood Mamdani (2001), em seu estudo sobre os processos políticos, culturais e regionais que levaram a

uma participação ativa de civis no genocídio de 1994, a racialização dos tutsis¹ foi realizada a partir de medidas implementadas pela administração colonial belga, juntamente com a Igreja Católica. As tensões já existentes entre as duas etnias, antes da presença dos colonizadores, intensificaram-se através da criação de um censo demográfico, na década de 1930, responsável por identificar quem era hutu e quem era tutsi. Os membros deste último grupo foram considerados, pelos europeus, descendentes dos camitas, vindos do norte da África até chegarem em Ruanda. Já os hutus foram dados como os legítimos autóctones do país, o que fortaleceu a ideia de que os tutsis tivessem se alçado ao poder dominando-os. Isso serviu de pretexto para a exaltação da etnia como superior aos tutsis e, após décadas de segregação e de inferiorização das vítimas, o conflito terminou com a tragédia de 1994, deixando cerca de 800 mil mortos.

A personagem central da narrativa da autobiografia é a mulher de pés descalços morta no genocídio de Ruanda, Stefania, mãe de Mukasonga. No prefácio da obra, percebemos que lidar com a morte de Stefania se constitui como o principal projeto do livro, pois a mesma se mostrava preocupada frequentemente com o que aconteceria com seu corpo após a morte, repetindo o aviso a Mukasonga e suas irmãs:

1. Segundo Mamdani (2001), os tutsis faziam parte de uma aristocracia no período pré-colonial em Ruanda, e os hutus eram seus subordinados, constituindo uma mão de obra campesina. Havia também uma terceira etnia, os batwas, um grupo minoritário considerado pária pela tradição ruandesa.

Quando eu morrer, quando vocês perceberem que eu morri, cubram o meu corpo. Ninguém deve ver meu corpo, não se pode deixar ver o corpo de uma mãe. Vocês, que são minhas filhas, têm a obrigação de cobri-lo, cabe somente a vocês fazer isso. Ninguém pode ver o cadáver de uma mãe, pois senão ela vai perseguir vocês que são as filhas... ela vai atormentá-las até o dia em que a morte leve vocês também, até o dia em que vocês vão precisar de alguém para cobrir seus corpos (MUKASONGA, 2017, p. 5).

O pedido é transformado em livro por Mukasonga, que não conseguiu velar e enterrar o corpo da mãe e dos seus conforme os parâmetros da tradição ruandesa. Segundo Mukasonga, é necessário escrever para cobrir o corpo da mãe, pois “eu não estava lá para cobrir o seu corpo, e tenho apenas palavras – palavras de uma língua que você não entendia – para realizar aquilo que você me pediu” (2017, p. 7).

A mulher de pés descalços é uma obra dividida em dez capítulos que exploram o cotidiano das mulheres tutsis em Nyamata, região ruandesa caracterizada por altas temperaturas e pela predominância de vegetação típica da savana africana. Scholastique Mukasonga e sua família foram exilados para tal local no início da década de 1960 por forças militares, quando o conflito entre hutus e tutsis já caminhava para consequências violentas.

A partir da ascensão do partido único, o Movimento Democrático Republicano – Parmehutu, fundado por Kayibanda, a população tutsi de Nyamata e de outras regiões em Ruanda se viu vítima de constantes atos de barbaridade. Isso constitui o tema do primeiro capítulo, com foco nas tentativas de Stefania e de outras mães tutsis de Nyamata em salvar seus filhos dos ataques de militares, os quais invadiam as casas dos moradores e por vezes atiravam arbitrariamente. Stefania criava esconderijos capazes de esconder suas crianças durante tais operações de terror e analisava informações coletadas com moradores de regiões próximas, a fim de pressentir a possível ocorrência de novos ataques.

Além de ser a mãe que tem a tarefa de proteger os filhos, Stefania também é apresentada pela narradora como uma mulher que possui saberes ancestrais, perpetuando a tradição de seus antepassados. A narrativa autobiográfica, que se aproxima de uma autoetnografia, preserva os conhecimentos e as crenças de Stefania ao contar os aspectos da rotina dela no exílio. O segundo capítulo, por exemplo, trata de interpretações da mãe de Mukasonga de fenômenos da natureza que seriam sinais de maus presságios, significando possíveis ataques dos militares hutus.

No terceiro capítulo, a narradora conta que sua mãe, a fim de não morar nas choupanas sem proteção que foram destinadas pelos hutus aos exilados, construiu uma moradia própria, colocando-a como um símbolo de resistência frente à barbárie: “A casa de Stefania, onde ela poderia levar uma verdadeira vida de mulher [...], era uma casa de palha trançada como uma cestaria, era o *inzu* (e aqui manterei seu nome em *kinyarwanda*; pois, em francês, só existem nomes pejorativos para designá-la: cabana, barraca, choça...)” (MUKASONGA, 2017, p. 31). Essa passagem também evidencia uma preocupação da narradora em mostrar os limites da língua europeia, a qual mantém uma visão estigmatizada dos nativos de Ruanda, ao não abarcar os significados dos costumes dos antepassados de Stefania e Mukasonga.

As plantações de sorgo e os hábitos medicinais e alimentares também são explorados nos três capítulos seguintes. Cultivar o sorgo era crucial para a alimentação dos tutsis, já que ele “era o rei das nossas plantações. Para ser cultivado para consumo, ele exigia um cerimonial, uma série de ritos que Stefania cumpria com piedade escrupulosa, pois era uma planta de bom augúrio” (MUKASONGA, 2017, p. 43). Tais rituais feitos por Stefania colocam-na como uma figura que preservava as tradições de uma Ruanda pré-colonial, ainda não

afetada pelas missões da Igreja Católica. O choque entre a cultura ocidental e a cultura ruandesa caracterizam a personagem, que, apesar de frequentar missas aos domingos, guarda para si conhecimentos ancestrais e compartilha com os filhos, em particular as filhas. Isso fica claro quando a narradora trata de uma festa particular que ocorria dentro de cada família tutsi quando a colheita de sorgo se mostrava bem sucedida, marcando o início de um novo ano:

Os etnólogos não diziam para celebrarmos desse modo os primeiros resultados da colheita, mas nós tínhamos certeza de que a *umuganura* dava início a um novo ano, que era o momento de fazer os votos para que o ano inaugurado pelo sorgo fosse bom. O primeiro de janeiro dos brancos ainda não fazia nenhum sentido para a gente.

A *umuganura* é uma festa familiar. Nem os vizinhos eram convidados. Era celebrada na intimidade de cada *inzu*. Cada um na própria casa. Talvez por isso a festa tenha escapado aos anátemas dos missionários; não quiseram cristianizá-la. E, em cada lar, graças às mães de família, o sorgo exercia sua resistência (MUKASONGA, 2017, p. 46).

Percebemos que o sorgo constitui uma imagem de resistência frente à colonização e à barbárie. Ao descrever

os ritos de Stefania, também praticados pelas outras mães tutsis, Mukasonga preserva a memória da tradição ruandesa pela escrita.

Os capítulos sete e oito tratam sobre os padrões de beleza das mulheres tutsis e os casamentos. O casamento também era importante para a comunidade tutsi e deveria seguir diversas etapas, e Stefania era conhecida em Nyamata por seu dom de formar casais. Entre os traços que indicavam beleza e se uma mulher se mostrava apta para se casar estavam os pés. O contato dos pés descalços das mulheres com a terra surge na narrativa de Mukasonga como algo simbólico, quando a narradora se recorda de ver, em um livro escolar, imagens das primeiras pegadas humanas encontradas em uma escavação arqueológica e as compara com os pés de sua mãe. São laços ancestrais que remetem à ideia de origem, incorporada pela figura de Stefania. Novamente, vemos aqui a relação posta pela narrativa entre as tradições tutsis e Stefania, personagem que luta para manter vivas os conhecimentos de seus antepassados.

Os dois últimos capítulos trazem histórias que a narradora se recorda de ouvir de sua mãe e histórias de algumas mulheres que viviam na vizinhança de Mukasonga e sua família. As histórias orais correspondiam a uma

cultura ruandesa intocada pelos brancos e que eram transmitidas de geração a geração. Existiam também histórias contadas sobre a colonização, evidenciando como os brancos determinaram, a partir da hipótese camita, que os tutsis tinham uma origem estrangeira, processo que levou à racialização e ao genocídio de 1994:

Os brancos pretendiam saber melhor do que nós quem éramos e de onde vínhamos. Eles nos apalparam, nos pesaram, nos mediram. As conclusões a que chegaram foram categóricas: nossos crânios eram caucasianos, nossos perfis, semíticos, nossa estatura, nilótica. Eles conheciam até mesmo nosso ancestral, estava na Bíblia e se chamava Cã. Nós éramos os quase brancos, apesar de algumas mestiçagens repugnantes, um pouco judeus, um pouco arianos. Os cientistas (a quem deveríamos ser gratos) tinham feito até uma raça sob medida para nós: nós éramos os Camitas! (MUKASONGA, 2017, p. 121).

Tal como as histórias dos mortos, a narrativa de Mukasonga em *A mulher de pés descalços* é constituída pelas tradições de seus familiares e pelas marcas profundas deixadas pela colonização. Como não é mais possível a contação de histórias dos tutsis de Nyamata, devido ao genocídio de 1994, a escrita é a ferramenta utilizada pela autora e narradora para guardar a memória de seus antepassados.

A mulher de pés descalços se encerra com a narradora Mukasonga, já adulta, se lembrando de um sonho recorrente. No pesadelo, ela vê, atrás de uma montanha, ossadas humanas, sem reconhecer os restos de seus membros. Sua amiga, que a acompanha no sonho, faz-lhe uma pergunta: “- Você tem um pano grande o suficiente para cobrir todos eles... para cobrir todos... todos...?” (p. 156). Tal fala expõe o luto inconcluso que assombra Mukasonga, bem como outros sobreviventes do massacre tutsi. Desse modo, sua escrita é como o pano solicitado pela amiga no sonho, na tentativa de cobrir aqueles que não puderam ser velados segundo a tradição ruandesa. É um epitáfio literário aos milhares de mortos do genocídio.

Atualmente, o memorial do genocídio de Nyamata expõe os crânios de muitos tutsis mortos, colocados em prateleiras, como forma de recordar a barbárie. Milhares de tutsis buscaram refúgio no local que antes era uma igreja, quando os ataques se intensificaram, mas nenhum sobreviveu. Os ossos dos mortos lembram os visitantes do memorial da catástrofe, tal como nos pesadelos da narradora Mukasonga. A ferida do passado traumático ainda é sentida, restando a ela escrever. Mukasonga, através da escrita, perpetua a memória de sua mãe, assassinada durante o genocídio e não identificada entre os ossos dos mortos. Por meio de sua obra, Mukasonga

tenta cumprir o pedido de sua mãe, cobrindo-a com um pano tecido de palavras, ao mesmo tempo em que procura manter a memória de seu povo, não deixando que o horror caia no esquecimento.

REFERÊNCIAS

MAMDANI, Mahmood. **When Victims Become Killers: colonialism, nativism, and the genocide in Rwanda.** Princeton: Princeton University Press, 2001.

MUKASONGA, Scholastique. **A mulher de pés descalços.** Trad. Marília Garcia. São Paulo: Editora Nós, 2017.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI.** São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

Enviado em: 05/08/2020

Aceito em: 31/03/2021